

# Gazeta de Braga

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Proprietario, Redactor principal e Editor responsavel — o bacharel Augusto Clemente de Souza Geão.

|  |                            |        |                         |
|--|----------------------------|--------|-------------------------|
| Subscrições  |                            | Causas |                         |
| Por um anno .....  | 2400 — COM ESTAMPILHA..... | 23880  | NUMERO AVISO .....      |
| Por seis mezes .....   | 1530 — COM ESTAMPILHA..... | 15140  | ANNUNCIO POR LINHA..... |
| Por tres mezes .....   | 700 — COM ESTAMPILHA.....  | 820    | RETRIBUICAO.....        |
| Assigna-se e vende-se n'esta Typographia, Rua Nova n. 42. — Corresponciencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da Gazeta de Braga, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero. |                            |        |                         |

NUM. 6.

TERÇA FEIRA 13 DE DEZEMBRO Setembro de 1864

1. ANNO

## EXPEDIENTE.

A redacção da «Gazeta de Braga» agradece aos seus collegas a obsequiosa deferencia, que tiveram de remeter-lhe os seus jornaes, durante a interrupção d'esta folha.

## GAZETA DE BRAGA.

### CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

### INSTRUCCÃO POPULAR.

III.

Fallando no antecedente artigo sobre a instrução popular, disse-mos que, por terem sido creadas algumas cadeiras, poucos passos viamos, que tivesse dado este importantissimo ramo d'administração publica. E de facto assim é.

Desgraçadamente a instrução popular, que nos paizes cultos e civilizados da Europa tem merecido toda a protecção, e chamado a devida consideração dos governos, acha-se entre nós n'um vergonhoso atraso, e para assim dizer, votada ao esquecimento.

A creação de algumas cadeiras é o unico signal de vida que as ui-

timas administrações tem dado a este ramo de serviço publico, e nada mais tem apparecido que mereça commemorar-se.

Mas será só isto o que as necessidades publicas reclamam? Não por certo.

Que importa crear as cadeiras e nomear os mestres, se o ordenado, que lhes está consignado não é bastante para se sustentarem decentemente; e para se entregarem cuidadosa e unicamente ao arduo e importantissimo serviço do ensino?

E se o ordenado não é bastante, como exigir d'elles uma applicação continuada e incessante no cumprimento dos seus deveres, não desviando a attenção do serviço a seu cargo, se elles, á falta d'um ordenado sufficiente, precisam de procurar por outra forma os meios necessarios para viverem?

E' uma verdade, que todos sentem e apalpaem, mas, apesar d'isso, é mister repetir-se uma e muitas vezes. Os professores de instrução primaria no nosso paiz são pouco, ou nada considerados — e a retribuição, que recebem, não está em relação com o serviço, que podiam e deviam prestar.

D'esta insufficiente e mesquinha retribuição resulta, que os homens mais competentes, por suas habilitações litterarias, e por sua moralidade para desempenharem as funções d'este importantissimo profes-

sorado, não pretendem estes logares, dando occasião a que n'elles sejam providos, talvez, os menos competentes por não terem todos os conhecimentos necessarios e outros dotes, que são precisos para o exercicio d'este espinhoso magisterio. Se algumas excepções existem, são raras.

Entretanto a maior parte dos pretendentes julgam cumprir, satisfazendo escassamente nos exames ao programma proposto e exigido, para obterem uma approvação, seu unico fim. Porem o desejo da gloria, que poderia transpôr o ensino primario alem dos limites, em que se acha circumscripto, em rarissimos apparece, e julgamos que os motivos principaes são — a falta de consideração e a mesquinha retribuição que recebem.

Mas se a instrução primaria é absolutamente necessaria em todos os homens, verdade esta, que ninguém conteslará — é innegavel, que os governos devem cuidar de conhecer as causas do seu atraso, removel-as e providenciar de forma, que a façam progredir — não se limitando a medidas rachiticas e infesadas, que, longe de minorarem por um lado o mal, talvez por outro o acrescentem.

Augmentar o numero de cadeiras, conservando as mesmas retribuições e considerações aos professores, é augmentar a despeza do

estado, sem grande proveito para a instrução do povo, e por isso julgamos, como já disse-mos, que essa medida não é bastante, embora seja muito necessaria.

O primeiro passo portanto a dar para a conveniente e reclamada reforma da instrução popular, é, como acima deixamos demonstrado, o augmento do ordenado aos professores, porque a retribuição, que percebem, é insufficiente e mesquinha e não pode chamar ao exercicio do magisterio homens competentemente habilitados, e que se dediquem accuradamente a um tão espinhoso encargo.

E' este o ponto capital para onde deviam ter convergido todas as vistas dos governos, que se empenhassem pela regeneração moral do nosso paiz, e que tivessem desejos e vontade de organizar este importantissimo ramo d'administração publica este grande elemento de civilização que nós consideramos o primeiro e mais momentoso — em harmonia com as urgencias da epoca, com as necessidades supremas dos povos, e com as exigencias, que faz o progresso da humanidade.

Para este ponto porem não se olhou ainda, pois os governos tem-se contentado unicamente em crear algumas cadeiras, sem primeiro preparar aos professores os meios bastantes para a sua existencia livre de miserias e privações. Conservar a

## SECÇÃO LITTERARIA.

### CLEBENTINA.

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE ORIGINAL INEDITO.)

POR

A. B. de Moraes Leal—Junior.

OFFERECIDO

Ao illm.º sr. Augusto Clemente de Souza Geão—Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.

### CARTA-PREFACIO.

Meu illustre e muito prezado Amigo. Acceedi com prazer e com certo orgulho ao seu paiz mim tão honroso convite.

Serei pois collaborador effectivo da sua «Gazeta» tanto na parte politica, como na

parte litteraria, embora para qualquer das duas seja de curto alcance e de nullo valimento a minha pobre penna e limitadissima intelligencia.

Na parte politica esquivar-me-hei sempre a questões desagradaveis, ainda que adversarios insolentes me provoquem. — Tolerante para todos — em politica — não soffro que ninguém o seja menos comigo. Em rixas de partido entendo eu, que é uma indignidade ou por ventura uma boixeza recorrer a injurias e insinuações.

Vejo que na sua maxima parte, o jornalismo se deprecia e avilta reciprocamente, trocando entre si vilas affrontas, grosseras chufas e insultuosas verrinas. — Eu teinho provado umas e outras; e algumas tenho repellido, creio que vantajosamente; e nem por isso me lisongeo, por que tive de empregar, como veria, armas eguaes áquellas com que me agrediram — excepto a diffamação e a calunnia porque de taes armas não quero a esgrima nem as «vantagens». Agredido com ellas — justifico-me, e depois olho para o aggressor com desprezo.

O calumniador uma só vez convicto de que o é perdeo para sempre todos os fo-

ros e direitos de ser attendido: as suas accusações importam os mais honrosos titulos do seu accusado. — Se a lei tal como a temos é deficientissima em garantias para o accusado, haste ao accusador o stigma da opinião publica; e não mais lhe ligue a menor importancia aquelle, que por ventura incorreo em suas repellentes e detestaveis iras. . . .

Não é isto bem pensado, meu amigo? . . . Eu penso assim; e assim estou resolvido a proceder. E sou capaz, bom grado meu, de observar com inteiros qualquer regra de conducta que me imponha, ainda que, algumas vezes, comigo me revolte; mas o amor proprio se pode muito em nós, creio que não pode tanto como a educação.

Em honra, pois, e em guarda respeitosa á educação, estou resolvido, como já lhe disse, meu caro amigo, a desviar-me de toda e qualquer questão em que houvesse de ser grosseiro e indigno para ser digno de um adversario obstinado em injuriar-me, ou em me ferir calumniosamente. Condemno a affronta por affronta. Não estou disposto a chafurdar em taes atoleiros — onde, com quanto seja facil despenhar o adversario, com elle se despenha tambem a nossa di-

gnidade. — E a victoria, que por ventura se obtenha, pode ser menos airosa, menor desente e menos perigosa que a derrota. Ao infamado não dóe a infamação; ao homem honesto não convem um pleito vil.

E por tanto, desde já ficam prevenidos os leitores da «Gazeta» e o meu bom amigo — que não tomem sobre mim o deshonroso cargo de castigar com affrontas — affrontar com que tentem hostilizar-me. — Oitarei sempre para os meus adversarios com respeito: quando me collocarem em circumstancias de os olhar com desprezo não segriem de me haverem offendido!

Se me atacarem de frente jogando as mesmas armas que eu houver jogado — estou prompto para o certame. Ora, se a um duello nobre e delicado me atirarem com um libello injuriante — deslembro-me para sempre do adversario e da sua vilania, para me lembrar tão somente de haver contrahido perante a sociedade um voto de inalteravel polidez, gravidade e decencia.

Estas são as minhas divisas tanto na sociedade como na imprensa. — Soldado razo n'estas fileiras, nem que me deem patente de generalissimo intrarei em qualquer lu-

instrução popular sobre as mesmas bases em que actualmente se acha, dar ao professor uma retribuição, que parece mais uma esmola, do que um ordenado, será dilatada como exige o grande desenvolvimento intellectual do nosso seculo?

Ninguém dirá que sim, porque ninguém acredita, que uma existencia enfesada e rachitica seja uma verdadeira existencia vigorosa, como nós precisamos que a instrução popular fosse em Portugal donde depende o seu melhor futuro.

E' necessario pois que o governo e as camaras attendam com a devida sollicitude para esta reforma de primeira importancia, e reconhecida necessidade publica — necessidade para os povos e para o estado. E' já tempo da instrução popular se levantar do crimino e estacionamento em que tem jazido, devido ao indifferentismo, com que tem sido olhada pelos governos do nosso paiz.

Outras considerações reservamos para o artigo seguinte, em que falaremos especialmente do estado vergonho das escolas primarias n'este districto e do atraso da instrução popular. E' materia que muito convem esplanar, e expor á consideração publica.

E' o que faremos.

*Le peuple portuense, dans toutes ses opérations, a est ni un corps ni un esprit peu laborieux; il est le peuple avide dans l'embrasser elements superieurs, c'est-à-dire cette merveilleuse unite resultant d'une substance intimement entrelacées, la substance materielle et la substance anguste de la richesse publique, tresor supreme de la vie sociale.*

Em verdade, o povo portuense é sem duvida um povo amigo do trabalho, da industria e do commercio, elemento transcendente do engrandecimento da cidade invicta, que floresce galhardamente em nossos dias de animada civilização, que abraçou os mais favoraveis commettimentos apoiados pela coadjuvação de recursos valiosos, como já em outros tempos seguira corajosa por

eta onde tenha de brigar-se á difamação e á calúnia!

Na collaboração politica da «Gazeta» provarei á sociedade, á ultima evidencia, que sou firme ás bandeiras que venho de jurar — isto na parte politica.

Na parte litteraria a mais espinhosa e ardua fardi o que poder a bem d'esta empreza pela qual me congratulo, e felicito sinceramente o meu muito presado e particular amigo. — E aqui tem v. a expressão e exposição fiel dos meus sentimentos e das minhas intenções politicas e litterarias, com relação á sua «Gazeta.»

Creio estar de perfeita harmonia com o pensamento do meu amigo no plano, que traçou, e que eu muito lhe agradeço haver-me d'elle instruido particularmente.

Na sua ultima carta — o mais valioso e significativo penhor da extrema e affectuosa sympathia com que me honra e distingue, pedia-me v. para ser publicado na «Gazeta» o meu romance «Morrer Vivendo» que em 1861 principiou a ser publicado no «Pensamento» hebdomadario de litteratura que oi algum tempo sob minha direcção —

meio das pompas bellicas, da reviramentos sociaes, revoluções crueltas e proezas assignaladas.

O projecto, o começo e a conclusão d'esse elegante, e, a muitos respeito, admiravel edificio erguido em campo plano e espaçoso, dominando a corrente caudalosa das aguas do Douro e das vagas espumantes quebrando lá ao longe nos rochedos da mariuha, é devido aos brios famosos de robustas vontades individuaes, seguras e firmes para dispôr de grossas receitas, que possam comportar largas despezas, que ás vezes se fazem de tal vulto entre nós, que a qualquer saudoso dos antigos tempos cavalleirescos, como que lembram a chamada idade d'ouro ou o reinado do rei feliz, que, por mercê e ousadia estremada do grande Gama, deixou pendente do sceptro real a legenda sublime e sempre lembradora d'uma época venturosa, cercada de poderio e grandeza nacional.

E assim se vai o Porto collocando nas elevadas classes das terras civilizadas, que se acham na escala ascendente da illustração europea, a que as turbas portuenses vão chegando por meio da possante e generosa união dos melhores motores, capazes de dar impulso energico e vigoroso á maquina social, e de abrilhantar todos esses publicos certames, presididos pelos trabalhos das artes e das industrias patrias, dantes, ao abrigo de casas, nas improprias e acanhadas dimensões; agora, brevemente, no meado do mez de Agosto do anno proximo futuro, á luz dos vidros crystallinos, nos embellezados recintos do palacio destinado ás festas mais necessarias, e pela primeira vez honrado e aberto com os festejos d'uma exposição internacional.

D'esse espirito formidavel para realizar grandes emprezas é que em nossa opinião, nasce o desejo de querer que o festejo se molde n'uma esphera tão elevada d'encargos certos, e vá abranger uns poucos de compromissos muito engrandecidos,

ahi mesmo em Braga, onde eu então residia, e onde sahio á luz com vida mui curta o malventurado hebdomadario: eu desamparei-o por desintelligencias com a empreza, expirando por esta forma aquelle infeliz. . . dizia alguém, que á falta de cabedades!

Foi uma fatalidade. . . Mas ninguém chorou! . . . Ninguém!! Esta nossa terra materialmente civilizada tem a innocente mesquinhez de não chorar por bagatellas.; quero dizer — por lettras.

O «Pensamento» pois, finou-se. . . morreu! e ninguém lhe orvalhou a fria louza com uma só lagrima de saudade!

— Inaudita crueza! Tormentosa e cruciante ingratição!!

Mas agora. . . é intempestivo este meu carpir: o que passou — lá vae. . . Cousas d'este mundo velhaco e mau!

Emfim, meu prezado amigo, o que tem de ser pode muito!

Eu algumas vezes sou fatalista: creio na força do destino. — O meu romance «Morrer Vivendo» teve a mesma sorte do hebdomadario em que principiou a ser pu-

e, na imaginação mais temeraria de alguns portuguezes, nem muito pára emprender por ora.

Da a piração, do progressivo desenvolvimento das sociedades modernas, vê-se bem que as ideas portuenses não são infelizes nem ainda mesmo quando arrojadas e graves; e que bem podem ser felizes sem temeridade. Ellas vão de acção briosa a heroismos illustrados, de energia a procedimentos grandiosos; do percorrer da intelligencia artistica ao genio emprehendedor, elevando-se em seus actos e convertendo-os em garantias preciosas aos olhos da philosophia e da razão; de maneira que as sociedades não quebrem diante de seu marchar incessante, como das galerias do parlamento portuguez ouvimos dizer a um illustre deputado do Minho, nem as columnas de Hercules ou o nec plus ultra do estacionamento; desejam andar sempre, similhante ao Ashaverus da lenda.

Votemos, pois, á exposição internacional portugueza a respeitosa homenagem que nossos sentimentos patrioticos lhe devem dar, e que nenhum outro povo d'estes reinos tentou até hoje realizar entre nós com tal titulo e decoração famosa; e assim reconheceremos desde já a gloria fulgurante da sua superioridade; a acção que ha de assignalar o viver ardente e civilizado dos filhos do Porto, a acção, que a philosophia social saudará como um triumpho, a illustração dos povos modernos presará como uma honra, e a historia patria archivará como um documento solemne e valioso sempre em frente dos progressos d'este seculo em que vivemos.

F. J. de Oliveira Lemos.

## CORRESPONDENCIAS.

8. Thyrso 4 de Dezembro.

(Cor. part. da Gazeta de Braga.)

Proclamar que a missão de corres-

blicado: — finou-se. . . perdeu-se. . . não sei d'elle! — Penso que o vendi a pezo a uma formosa estauqueira de Coimbra, mui remelosa, com a qual fiz varias transacções em moeda papel a desconto de quantias fumadas. . . em crises financeiras!

Mas não ha que lastimar: — nada temos perdido com o descaminho d'esse «precioso» autographo; de um outro que escapou ás crise financeiras de Coimbra, arranquei alguns capitulos, que ahi lhe envio como — fragmento.

— Fragmento de um romance inedito! Hade concordar, meu caro amigo, que fui arrojado na qualificação dos capitulos avulsos que dou aos leitores da «Gazeta.»

Deveria talvez occultar o titulo do romance, e assim faria se não tencionasse dal-o á estampa, logo que tenha removido algumas difficuldades que a meu despeito ainda me são embaraçosas.

— MYSTERIOS DE BRAGA — eis o titulo do romance que me proponho publicar, e que não deixará de ser interessante maxime aos Bracarenses, por que acharão n'elle varios typos, que lhes são muito familiares,

pendente d'um jornal é uma tarefa ardua e difficillima; que é um trabalho espinhoso e de não facil execução, todos os dias o estamos lendo, como introdução aos escriptos de novos atletas no campo da imprensa periodica. Escusado é, por tanto, repetir o que tantas e amudadas vezes se vê escripto por esse immenso mar de litteratura jornalistica. Todos os correspondentes fazem um programma, que lhes serve como de bandeira, em torno da qual promettem militar; infelizmente, poucos são os que não abjuram os principios, que no seu programma fizeram apregoar.

Vamos tambem arvorar a nossa bandeira; não para a desprestigiarmos pela apostasia, mas para sempre a seguirmos, como um dictame da nossa consciencia.

A nossa divisa será a «independencia»: tomaremos por alvo a «moralidade»: escolheremos a «verdade e a imparcialidade», como veredas, só dignas dos trabalhos, que vamos encetar.

Eis o campo em que temos de militar: eis o baixel dentro do qual lutaremos contra as borrascas, que ameaçarem a boa ordem social.

Entremos na lide a que nos propo- semos.

Supponho que já não haverá quem ignore que esta villa caminha altaneira no trilho do progresso, e civilização; e que a sua saluda do obscurantismo, e do olvido é devida ao muito zeloso excellent cavalheiro e exemplar presidente da camara, o Ilm.º snr. J. J. de S. Tropa.

A imprensa periodica tantas vezes tem proclamado esta incontestavel verdade, que causaria tedo o repetil-a.

Os melhoramentos materiaes progredem em grande escalla; resta, porem, pôr em acção a roda do progresso moral e intellectual.

E' fóra de duvida, que esta villa ainda não attingiu as portas d'esta ordem de progresso.

Os povos amam, e desejam a instrução, mas fallecem-lhes os meios.

Bom seria que o snr. presidente da camara curasse tambem d'este ramo tão util e necessario ao povo; porque assim mais arrojada deitaria nos corações de seus patricios uma saudosa e

e que todavia não conhecem bem a fundo, como os conheci eu, que os estudei á luz de soas proprias feições, umas chammejantes de cynismo, outras de hypocrisia, e muitas de asquerosa hediondez — não obstante o ouro em que as trazem engastadas!

Ha dois annos que, nas horas vagas, me entretenho na confecção dos «Mysterios de Braga» e neste — fragmento — dou aos leitores da «Gazeta» uma amostra da minha innocente distracção.

— Arrojado e perigoso lance, lhe chamará alguém! não importa. O que sahir ha-de vêr-se. . .

Lembrado estará o meu bom amigo de que me tinha feito a honra de acceitar a dedicação que lhe fiz — do triste romance que se perdeu. . . Clementina era o vulto principal d'esse malfadado ensaio litterario.

— Clementina é tambem o titulo com que lhe offereço este fragmento. — Fico certissimo de que v. attinge perfeitamente o meu intuito. — E se posso mecer-lhe hoje o que me ufapo de lhe haver merecido. . . hontem! se Clementina lhe inspirar al-

grata lembrança do amor e dedicação, que sempre tem votado á sua terra natal.

A Villa de Sancto Thyrsó está sendo prodiga de «rabiscadores», como lhes chamou um padre mestre d'Alem-ave. Todos estes «rabiscadores» apregoam o desenvolvimento material d'esta, á excepção d'um «quidam» arvorado em correspondente do «Jornal do Porto».

Este «quidam» fadou-o Deus para a mentira e para a trapaça: é a sua arma favorita: fóra d'este terreno não vê um dedo de terra. E' um quadro vivo dos antigos phariseus.

Olvidemos, por um pouco, este aleivoso e mentiroso.

O padre mestre de latim d'esta villa anda bastante vexado, e até se tem occultado ás visitas do publico.

Umaz quistões, que uma «senhora», que o serve, teve com outra, sua visinha deram causa aos desgostos do nosso «prestante» mestre de latim. Dizem os amigos do sr. padre Figueiredo que elle tanto se apaixonou, que chegou a perder a razão.

Diz-se que alguém o viu, em uma noite bastante tempestuosa, atirando grandes pedradas e dando medonhos urros na margem direita do nosso Ave.

Damos a s. s.<sup>a</sup> os nossos cordeaux parabens, pelo seu prompto restabelecimento: assim como «aos muito dignos facultativos» que lhe ministraram tão «energicos soccorros».

Sol entre as nuvens do inverno,  
Rosa entre as flores d'abril.

Tu és a nuvem d'agosto,  
Meu aivo vello de lá!  
Tu és a luz do sol posto,  
Tu és a luz da manhã.

Tu és a rosa de maio  
Tu és a flamula azul  
Que atam á flecha do raio  
As tempestades do sul.

Tu és a tímida corça,  
Que mal se deixa avistar;  
Tu és a trança, que a força  
Do vento leva no ar.

Tu és a gota que solta  
Do niveo calix da flor!  
Tu és o aljofar, que esmalta  
Virgineas rosas d'amor!

Tu és a agua das fontes!  
Tu és a espuma do mar!  
Tu és o lyrio dos montes!  
Tu és a hostia do altar.

És a roseira que a custo  
Levanta as rosas do chão!  
És a vergonteia do arbusto,  
Anjo do meu coração

És o pimpolho, és o gomo,  
Es um renovo d'amor!  
Tu és o vedado pomo. . . .  
Tu és a minha Leonor!

Tu es a Laura, que eu amo  
E a minha tia — da Lei,  
E a pomba, que trouxe o ramo,  
E a margarida que achei!

Tu és o lyro, a bonina  
Dos valles do meu paiz!  
E's a minha Catharina!  
Tu és a minha Beatriz!

### GAZETILHA.

**Officios funebres.** — Celebraram-se na parochial egreja de S. José de S. Lazaro, os suffragios que todos os annos costumam fazer se pelos irmãos fallecidos daquelle irmandade.

Foram feitos com a mesma pompa dos annos transatos.

No domingo houveram vesperas a

anno de 1840 e... sete, oito ou nove... alta noite! — Rugiam trovões terrosos que estalavam a miúdo — echoando no infinito em cerrado horizonte.

Foi memoravel — como era tremenda, tempestuosa e medonha aquella noite.

Era formosa e gentil e honesta — como foi desventurada uma briosa victima de alguns terriveis e talvez criminosos commettimentos que em tal noite alguém praticou, entre os terrores da tormenta que rugia!

A natureza, algumas vezes, tambem empenha os seus elementos nos varios dramas e tragedias em que a sociedade imprime ou reproduz as suas feições — quando se constitue espectadora ou heroína de uma ou muitas acções reciprocamente perigosas e reciprocamente fataes!

N'esta acção que vamos historiar tal qual a sabemos de certo influio muito a natureza — favorecendo com a espessura e negrume da cerração um attentado execrando e atroz, — attentado que teve consummação e que ficou impune! — E a victima foi a nossa Clementina.

Os dois perversos, que foram co-réos

grande instrumental, sendo desempenhadas magistralmente pela ca ella do sr. Luiz Baptista.

Hontem de manhã orou pela primeira vez n'esta cidade o sr. Alves Mathens, que num eloquente discurso patentou todos os dotes d'um distincto orador e confirmou os justos creditos, que trouxera para esta cidade.

Seu admirador, desde que o ouvimos em Coimbra nas exequias pelo sempre chorado rei, D. Pedro V., felicitamos hoje o sr. Alves Mathens, o digno prior da irmandade, o sr. padre José Alves de Vasconcellos Rodrigues, e os mesarios pelos pomposos officios, com que suffragaram as almas de seus irmãos.

**Hospedes illustres.** — O «Nacional» de 8 do corrente expõe do seguinte modo as provas de consideração, que os dous notaveis estadistas, os snrs. Fontes e Casal Ribeiro, receberam na cidade do Porto:

• O sr. visconde de Lagoaça festejou hontem os illustres estadistas Fontes Pereira de Mello, e Casal Ribeiro, offerecendo-lhes um banquete esplendido, pela grandeza com que fóra servido, qualidade dos convidados, e pelo pensamento politico que o inspirara.

• Eram quasi sete horas quando em volta do sr. visconde de Lagoaça se sentaram á mesa — lauta em todos os sentidos, brilhante a todos os respeito os exm.<sup>os</sup> snrs. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, José Maria do Casal Ribeiro, conde de Samodães, conde Bertiandos, visconde de Pereira Machado, visconde de Figueiredo, visconde de Gouveia, visconde de Francos, Julio Cezar de Castro Pereira, Augusto Antonio Lopes Pereira da Silva, Antonio José Lopes Antunes, Antonio Pereira da Silva, Alexandre Soares Pinto de Andrade, José Guilherme Pacheco, Manoel dos Santos Pereira Jardim, Adriano José de Carvalho e Mello, José Joaquim Goncalves Basto, Antonio Affonso Vellado, Jeronymo Carneiro Gerales Manoel Cardoso Coutinho de Madureira, Custodio José Vieira, Domingos Manoel Barbosa Brandão, Alexandre Augusto de Castro Pereira.

Na occasião propria levantou-se o sr.

n'esse attentado e no crime resultante, ainda hoje se vangloriam da impunidade. Foram elles Antonio Matoso e Pedro Soares — um e outro filhotes de Braga, — por espaço de alguns annos emigrados no imperio do Brazil d'onde regressaram na posse de consideraveis fortunas. . . e hoje. . . muito excellentes pessoas! — Dois nobres e philantropos cavalheiros.

Façam favor de não tossirem, leitores amigos. Os snrs. Antonio Matoso, e Pedro Soares são realmente — dois grandes. . . cavalheiros! Viajaram, locupletaram-se, vivem na opulencia, dão luzidos saraus, esmolam a todos. . . que importa a ninguém que fossem immoraes, quando eram solteiros! . . . Quem lhes pergunta hoje pelos crimes e torpezas que fizeram hontem! . . . Fossem o que fossem, malvados ou negreiros, vendilhões de pingas ou negociantes de vinho, . . . que tem o mundo com taes fulanos?!

E se amanhã forem titulares, serão elles os primeiros assim nobilitados? «Le monde marche.»

Hoje, quem tem dinheiro não se chama

visconde de Lagoaça, e n'um discursivo sentido, em que poz em relevo as eminentes qualidades dos distinctos cavalheiros que festejava, e dos grandes serviços que ambos haviam prestado ao paiz, propoz um «toast» aos snrs. Fontes Pereira de Mello, e Casal Ribeiro.

• Depois d'uma explosão de enthusiasmo com que fóra acolhida a allocução do nobre visconde, levantou-se o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e agradeceu a manifestação de sympathia de que era objecto elle, e seu honrado collega o sr. José Maria do Casal Ribeiro.

• Não é possivel, n'esta noticia fugitiva, dar uma idea sequer do discurso do talentoso caudillo do progresso. S. ex.<sup>a</sup> depois de testemunhar o seu reconhecimento pela lisongeira e affectuosa recepção que lhes deram os portuenses, propoz um brinde ao presidente do seu municipio, o sr. visconde de Lagoaça.

• Seguiu-se o sr. José Maria do Casal Ribeiro, que agradecendo tambem as provas não equivoacas de affeição e sympathia de que elle e o sr. Fontes Pereira de Mello eram objectos, enumerou os grandes serviços que o Porto tinha prestado á liberdade e á civilização do paiz, e concluiu propondo um brinde á sua prosperidade.

• As palavras eloquentes do sr. Casal Ribeiro foram acolhidas com sentido enthusiasmo.

• Seguiram-se depois diversos brindes: pelo sr. Fontes Pereira de Mello aos eleitores do circulo de Cedofeita, que tão galhardamente apoiaram a sua candidatura por aquelle circulo; pelo sr. conde de aSmodães aos eleitores do circulo 114, da capital, que denodadamente vingaram os eleitores de Cedofeita e o paiz, elegendo, por uma immensa maioria, o arrojado reformador, — o grande vulto politico o sr. Fontes Pereira de Mello, e pelo sr. dr. José Guilherme Pacheco ao nobre e honrado deputado pelo circulo da Villa de Paredes, o sr. Martens Ferrão.

• Brindaram-se muitos outros cavalheiros sympathicos, como os snrs. visconde de Pereira Machado, Antonio de Serpa, dr. Jardim, e terminou esta demonstração affectuosa depois das onze horas.

rico: chama-se cavalheiro. . . aos que hontem se chamavam — patifes, agora, apenas muito á surdina lhe chamam. . . espertalhões!

Em tudo se faz sentir a civilização do seculo. E' uma maravilha! Pois não. . .

Palavra de honra que fallamos serio. . . embora nem a todos agrade a conversa!

Supponham, caros leitores, que estamos conversando. . . E' assim que se passa o tempo sem offender a Deos, e sem tiritar com frio. — Conversemos. . . Vá de feição, que o inverno é tristonho e rabugento como sempre. — Mas ha-de moer-se com a historia de Clementina, e outras que lhe disserem respeito.

Vamos a ellas com as digressões e commentos precisos. — Sirva isto de prologo ou de «Conversação preambular» que nem só o sr. Castilho ha-de ser. . . maganão! . . . Diz bem de tudo e de todos. . . a ri!

(Continúa.)

### VARIÉDADES.

Com a devida venia transcrevemos da «Gazeta de Portugal» a seguinte e mimosa poesia do festejado poeta — João de Deus.

#### Beatriz

Tu és o cóllo que embala  
Suas primicias d'amor;  
Tu és a essencia que exhala  
Ao ir se abrindo uma flor.

Tu és um beijo materno,  
Tu és um riso infantil;

guma sympathia ou interesse, digne-se recebê-la e considera-la sua, para que eu possa lisongear-me de a ter creado. . .

E digne-se tambem vêr n'esta dedicatória, que é uma reprodução da primeira, — a mesma amizade, o mesmo respeito e o mesmo pensamento que então me inspirou.

Acceita-me o voto? — Acceita: assim o devo esperar — pela inteira confiança que tenho nas suas distinctas e sablimadas qualidades.

Acceite conjunctamente uma saudade, um abraço, reiterados e sinceros protestos de calorosa estima, que muito orgulho tem de consagrar-lh'a.

Lisboa — Novembro de 1864.

O AUCTOR.

### CLEMENTINA.

#### I.

Era, se bem me lembro, pelos fins do

